



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

A GEOGRAFIA FRANCESA NA OBRA OESTE: ENSAIO SOBRE A GRANDE PROPRIEDADE PASTORIL DE NELSON WERNECK SODRÉ

THE FRENCH GEOGRAPHY IN THE WEST: ESSAY ON THE GREAT PASTORAL PROPERTY OF NELSON WERNECK SODRÉ

(Recebido em 27-07-2018; Aceito em: 16-01-2019)

Marco Túlio Martins

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia
Professor da Universidade Estadual de Goiás *campus* Itapuranga
marcogeografia2008@yahoo.com.br

Rita de Cássia Martins Souza

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Professora da Universidade Federal de Uberlândia
ritacmsou@gmail.com

Resumo

A partir das perspectivas dos estudos regionais, inspirados nas teorias de Vidal De La Blache, pode-se dizer que a obra "Oeste" de Nelson Werneck Sodré constitui-se em um estudo regional brasileiro. Esta obra teve respaldo na comunidade de geógrafos, sobretudo, geógrafos franceses que vieram para o Brasil fundar o curso de Geografia na Universidade de São Paulo na década de 1930. Uma destas figuras foi Pierre Monbeig, que trouxe para o Brasil a perspectiva dos estudos regionais, ou melhor, os estudos monográficos baseados na Geografia Regional lablachiana. Diante da proposta de Sodré no "Oeste" e suas intenções enquanto militar e intelectual na década de 1930, este trabalho demonstra como a obra analisada se enquadra no perfil da produção geográfica lablachiana e as intenções do autor, enquanto intelectual militar, de elaborar proposições para o projeto territorial brasileiro encaminhado pelas classes dominantes via Estado. A análise empreendida pelo autor sobre o território do "Oeste" por mais "ingênua" ou sem o devido aprofundamento, como o próprio Sodré já disse na sua memorialística, respaldou o discurso hegemônico de um período do processo histórico brasileiro, no qual, questões como integração territorial, centralização dos poderes, necessidade de desenvolver materialmente o país, necessidade de ocupar efetivamente o grande interior, questão fundiária, eram cruciais para colocar em ação, a integração territorial e a formação da identidade nacional brasileira.

Palavras chave: Geografia Francesa; Pensamento Geográfico Brasileiro; Formação Territorial do Brasil; Nelson Werneck Sodré.

Abstract

The perspectives of the regional studies, inspired by the theories of Vidal De La Blache, one can say that the work "West" of Nelson Werneck Sodré is constituted in a Brazilian regional study. This work was supported in the community of geographers, especially French geographers who came to Brazil to found the course of Geography at the University of São Paulo in the 1930s. One such figure was Pierre Monbeig, who brought the perspective of regional studies to Brazil, or rather, the monographic studies based on Lablachean Regional Geography. In view of Sodré's proposal in the "West" and his intentions as a military and intellectual in the 1930s, this work demonstrates how the work analyzed fits the profile of Lablachean geographic production and the intentions of the author, as a military intellectual, to elaborate propositions for the Brazilian territorial project sent by the ruling classes via the State. The analysis undertaken by the author on the territory of the West as "naive" or without deepening, as Sodré himself said in his memoir, supported the hegemonic discourse of a period of the Brazilian historical process in which issues such as territorial integration, centralization of powers, need to develop the country materially, need to effectively occupy the great interior, land issue, were crucial to put into action, territorial integration and the formation of Brazilian national identity.

Key words: French Geography; Brazilian Geographic Thought; Territorial Formation of Brazil; Nelson Werneck Sodré

Introdução

O livro *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril* de Nelson Werneck Sodré foi publicado em 1941, resultado de suas incursões ao território que hoje pertence ao estado de Mato Grosso do Sul, sobretudo na região que concentra a cidade de Campo Grande, entre os anos de 1934 e 1937. Este autor, neste período, acompanhava tropas do Exército que estavam em movimento, possibilitando a ele estudar aquela determinada porção do território em uma análise que vai além do foco que o subtítulo expõe, qual seja, a grande propriedade pastoril.

Em 1938, Sodré passou a servir diretamente na guarnição de Campo Grande e "integra a campanha contra os grupos de bandoleiros que assolavam os chapadões do Oeste". (SOUZA, 2011)¹. Souza (2011) comenta que Sodré "valeu-se mais de observações diretas e vivência militar do que de análise de dados estatísticos, documentos e bibliografia", porém, isto é verdade somente em parte, pois, utilizou da bibliografia e lançou mão na construção discursiva do livro, de dados importantíssimos e caros à ciência geográfica e a outras ciências humanas.

Ao contrário do que afirma Souza (2011), o autor respalda-se em autores franceses e alemães, utilizando-se das concepções da Geografia francesa e da Geografia alemã para compor uma análise do território do "oeste". Esta análise, por mais "ingênua" ou sem o devido aprofundamento, como o próprio Sodré já disse na sua memorialística, respaldou o discurso hegemônico de um período do processo histórico brasileiro, qual seja o da administração de Getúlio Vargas, no qual, questões como integração territorial, centralização dos poderes, necessidade de desenvolver materialmente o país,

¹ Jonas Soares de Souza, secretário de cultura de Itu, publica um artigo sobre o livro *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*, de Nelson Werneck Sodré, no site do centenário, em 2011.

necessidade de ocupar efetivamente o grande interior, questão fundiária, eram cruciais para colocar em ação, a integração territorial e a formação da identidade nacional brasileira.

A partir das perspectivas dos estudos regionais, inspirados nas teorias lablachianas, desde o século XIX e, no Brasil, a partir do início do século XX, pode-se dizer que a obra “Oeste” de Nelson Werneck Sodré se constituiu em um estudo regional brasileiro. Esta obra teve respaldo na comunidade de geógrafos, sobretudo, geógrafos franceses que vieram para o Brasil fundar o curso de Geografia na Universidade de São Paulo na década de 1930. Uma destas figuras foi Pierre Monbeig², que trouxe para o Brasil a perspectiva dos estudos regionais, ou melhor, os estudos monográficos baseados na Geografia Regional lablachiana.

Diante da proposta de Sodré no “Oeste” e suas intenções enquanto militar e intelectual na década de 1930 busca-se, neste trabalho a discussão de uma problemática central: como se deu o processo de institucionalização da Geografia no Brasil – nos moldes franceses –, demonstrando como o “Oeste” aparece nesse contexto como um modelo diretamente vinculado àquele proposto pela Monografia Regional francesa. Assim, verificar-se-á que este contexto da ciência geográfica influenciou decisivamente o autor nas produções intelectuais do período e nos diálogos traçados por ele com nomes importantes da intelectualidade brasileira.

O projeto de Brasil e a Geografia Francesa: Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril

Nelson Werneck Sodré utilizou a Geografia Regional lablachiana, baseada nas monografias regionais francesas como modelo para compor uma análise do que ele denominou de oeste brasileiro. O método de interpretação funcionalista³ na Geografia também foi um dos direcionadores do seu trabalho publicado em 1941.

Com relação ao método funcionalista na Geografia cabe destacar que Nelson Werneck Sodré trabalhou no Oeste com o postulado da unidade terrestre ou da unidade nacional. Este postulado do

² Em 4 de junho de 1945 Pierre Monbeig envia uma carta a Nelson Werneck Sodré falando dos estudos deste sobre o Mato Grosso, sobre o livro Formação da Sociedade Brasileira, e convidando-o para colaborar para a Associação dos Geógrafos Brasileiros e pedindo o seu endereço. Esta informação encontra-se nos Anais da Biblioteca Nacional, volume 126 de 2006, na *Coleção Nelson Werneck Sodré: inventário analítico* de autoria de Filipe Martins Sarmento.

³ “A abordagem funcional na geografia, superando a fase organicista, permaneceu durante longo tempo na segunda fase [organização dos conceitos e orientação interpretativa], faltando aos geógrafos que desenvolveram suas análises empírico-indutivas através das perspectivas do funcionalismo, uma maior preocupação quanto a revisão crítica e sistematização teórica.

Na Geografia acadêmica do Brasil (apesar dela ter sido fundada e organizada no seio do funcionalismo), o método de interpretação funcionalista foi incorporado sem uma discussão ou reflexão ampla, inexistindo qualquer preocupação mais alongada nesse sentido.

Dentro dessa perspectiva, notamos que nos trabalhos da chamada geografia tradicional de tendência funcionalista, tanto a teoria como o método encontram-se implícitos mas não explícitos”. (BRAY, S.C, 1980, p.33).

método funcionalista apresentou características importantes para o autor formular um discurso sobre a unidade do território.

O postulado da unidade terrestre foi o mais discutido pelos clássicos da geografia. Mas foi La Blache quem mais o analisou. A idéia da unidade terrestre (de coerência ou harmonia universal, conforme La Blache (1895/96, 130), vem desde a antiguidade clássica; diz ele: L' idée de l' unité terrestre ne fut pas étrangère à l' antiquité grecque. Confuse chez les premiers théoriciens de géographie, la conception d'un ensemble ordonné... l' organisme terrestre leur apparut comme une unité purement mathématique". Podemos observar que a noção de unidade terrestre existe na geografia como concepção matemático-mecanicista, mas a partir do século XIX, com a influência dos progressos das ciências biológicas e da filosofia positivista, a noção de unidade terrestre passou a ter uma abordagem organicista. É com La Blache (1895/96, 129) que esse postulado se afirma na geografia funcionalista através do "principio da unidade terrestre", onde ele diz: "L' idée que la terre est un tout, dont les parties sont coordonnées, fournit à la géographie un principe de méthode dont la fécondité apparaît mieux, à mesure que s' étend son application". (BRAY, 1980, p.36).

De acordo com Lencioni (1999), a monografia regional lablachiana apresenta algumas características fundamentais. Primeiramente, o caráter detalhado do meio físico, das formas de ocupação, das atividades humanas e de "como o homem ajusta à natureza" são o plano de fundo característico da monografia regional francesa. "O olhar sobre a natureza deveria conter uma perspectiva histórica na análise da relação homem-meio". Ela deveria, sempre, estabelecer a integração dos elementos físicos e sociais e com isso apresentar uma visão do que era a região em estudo.

A estruturação do "Oeste" passa, visivelmente nos nomes dos capítulos, por estas características. Durante toda a obra, Sodré não deixa de levantar características do "meio físico" do "oeste". No capítulo "*Aspectos geográficos*", por exemplo, o autor apresentou um tratamento mais específico para isso.

Os lances orográficos permanecem no sentido do norte, recebendo denominações variadas, conforme o local que atravessam, marcando em Limeira o ponto de maior altura, cortando a região de Nioaque, rumando para a via ferrea, após a qual seguem no sentido de nordeste, para entroncar com os contrafortes do planalto central, na serra dos baús. Do flanco direito desse longo movimento orográfico, parte espigões e esporões que marcam a caixa dos rios da bacia do Paraná, caindo as terras em declive lento e suave, estendendo-se em chapadões extensos, para o vale do Paraná – regiões de pastagens ricas, de altiplanos, pobre de vegetação, campinas nuas, só quebradas, ao sul do sistema Dourados-Ivinheima pelos ervaais nativos. Nessas paragens, quando se apresenta um bosque, um sinal de vegetação maior, a quebrar a uniformidade monótona do chapadão, é o sinal certo de água, são nascentes, são barrancas de rios. Movimentação pobre do terreno, não se assinala por ondulações pronunciadas. Raro surgir um monte. Tudo arredondado por um trabalho já prolongado das águas, polido, sem cortes, sem arestas. (SODRÉ, 1941, p.138).

Sodré fala do "Oeste" como a terra das águas que se apresenta como uma região cortada e recortada de rios imensos, longos, fáceis em sua maioria, "caminhos obrigatórios, marcando a expansão humana, o escoamento da produção, a possibilidade única do desenvolvimento de trechos inteiros". (SODRÉ, 1941, p.140).

No sul, as correntes que se inclinam ao Paraná, suaves, macias, antigas, com leitos próprios, domésticas em suas manifestações, amigas do homem, convidativas, largas, fecundas, permitindo a navegação, carreando riquezas. Do lado oposto da serra do Amambá, as torrentes tumultuosas, agressivas, dos rios curtos, que descem de muralhas quase verticais, para se espalhar numa baixada em que se confundem, fogem aos seus leitos, perdem as caixas, rios sem foz certa, sem escoadouros precisos, rasos, difíceis, contraditórios, inhospitais, não servindo para escoamento de cousa alguma, nem mesmo à navegação rudimentar dos barcos chatos. (SODRÉ, 1941, p.141).

De acordo com Santos (2008), um conceito importante proposto por Vidal de La Blache foi o de “gênero de vida”. Este foi um dos grandes paradigmas que orientou a geografia humana moderna. Segundo este conceito, “seria por intermédio de uma série de técnicas confundidas com uma cultura local que o homem entra em relação com a natureza”.

O espaço como objeto de estudo seria o resultado de uma interação entre uma sociedade localizada e um dado meio natural: um argumento sob medida para reforçar a idéia de região como unidade do estudo geográfico. (SANTOS, 2008, p.36).

Nelson Werneck Sodré não chega a tocar no conceito *gênero de vida*. Porém, quando discute as características populacionais do Oeste, ou mesmo, das populações do regime pastoril, diz basicamente o seguinte: os *elementos humanos* não conseguem se fixar ao *solo*; há um *divórcio quase absoluto entre o meio e o homem*.

A princípio, o *Oeste brasileiro*, apresenta-se complexo tanto pela sua geografia – desenvolvida por ele como a própria materialidade – como pela sua história no sentido dos acontecimentos vivenciados por esta “região”. Para contar brevemente esta história, o autor lança luz a um termo em si, geográfico: *distensão territorial*. Esse termo, *distensão territorial*, serviu para o autor discutir o espaço/tempo colonial a vastidão de terras existentes a oeste do território e que pertenciam à colônia que foram alvos de uma *gigantesca promessa*.

O *Oeste brasileiro* seria tomado como a área que sustentaria economicamente toda a colônia. “Seria a fonte inesgotável de todas as riquezas e representaria, ao mesmo tempo, a possibilidade de fuga ao fisco litorâneo, expresso na autoridade dos mandatários do erário lusitano” (SODRÉ, N.W, 1941, p.11). O declínio do desenvolvimento do Oeste brasileiro, foi causado, segundo o autor, pela decadência das bandeiras.

O declínio devia ameaçar a *projeção geográfica* que continha, em si mesma, as origens da própria destruição. A decadência do movimento bandeirante, prendia à conquista do ouro, - o aparecimento, décadas depois, da lavoura cafeeira, abrindo caminho pelo vale do Paraíba do Sul – e a obra de centralização empreendida pelo segundo império, - deviam conduzir ao depauperamento extremo das *populações do Oeste*. (SODRÉ, 1941, p.11 grifos nossos).

A *projeção geográfica* para Sodré é o avanço populacional na direção dos territórios do *Oeste brasileiro*. O declínio do movimento bandeirante provocaria, neste sentido, uma pausa no processo de exploração do território do Oeste. Houve dois momentos vivenciados por esta região: na colônia, como

já dito, era vista como a promessa, a *fonte inesgotável de todas as riquezas*; e no período republicano, a ascensão da produção cafeeira e o avanço das lavouras para o Paraná, deu um novo sentido para ela. Este processo provocou a necessidade de alimentação e os chapadões do Oeste também se tornaram *inesgotáveis fornecedores de gado*.

Essa brusca mutação, do mais completo abandono às perspectivas de um desenvolvimento muito rápido, - e a intercorrência do regime básico permanecer o da cultura pastoril, - trouxe, em consequência, o desequilíbrio de que é, hoje, teatro o Oeste, com o advento de uma população estranha, de todas as origens, gente sem história, impulsionada pela fuga à autoridade e a que a *extensão territorial devia propiciar o ambiente preciso* em que poderia começar um ciclo novo, na sua ânsia de autonomia, característica eterna e fundamental do regime pastoril, - *com todas as possibilidades de realizá-lo integralmente*. (SODRÉ, 1941, p.12 grifos nossos).

Nelson Werneck Sodré trabalhou a questão da *extensão territorial* como a materialidade em si, o próprio meio. É esta *extensão territorial* que abre os caminhos possíveis de desenvolvimento do Oeste brasileiro. No livro, o autor trata com uma visão pessimista sobre a população do Oeste. Esta visão é proveniente de um “jogo ideológico das classes dominantes que forçavam uma determinada visão do mundo” em relação à essas populações. (ANSELMO, 1955). Dante Moreira Leite, chamou de “visão pessimista do Brasil” o seguinte:

A introdução da perspectiva realista na literatura representou, no Brasil como em outros países, uma visão pessimista do homem. Se ampliarmos a análise não será difícil mostrar que grande parte da ciência social da segunda metade do século XIX tem a mesma característica: explicar o mais complexo pelo mais simples, o aparentemente superior por sentimentos e impulsos inferiores. Daí decorrerem as ideias de luta pela vida, de seleção natural, de influência geográfica e econômica na vida dos povos. (LEITE, 1983, p.177-8).

Essa reflexão vai além, pois, o ser brasileiro se insere como o resultado de uma miscigenação, “inserido num “meio desfavorável à saúde e à vida psicológica”; é um ser inferior, incapaz de auto realização e dependente do domínio externo e de seus representantes no país”. (ANSELMO, 1995). Nelson Werneck Sodré, no decorrer da obra, colocará essa “visão pessimista” em relação aos índios e, sobretudo, na figura do campeador.

Pode-se dizer que o campeador aparece na obra como o “gênero de vida” presente na região Oeste. A noção de “gênero de vida” estava ligada diretamente àquela de região e que não se distancia também do que pode ser chamado de “área cultural”. É neste sentido que o autor trabalha com a *cultura pastoril*, sendo esta não somente uma atividade econômica, mas algo que caracteriza uma determinada área. Segundo Frabício e Vitte (2011):

Acrescentando os elementos humanos, pelo critério de regiões históricas e naturais, Paul Vidal de La Blache acreditava que as regiões constituiriam uma unidade, um organismo compondo o meio físico que daria o “suporte” para os homens e os grupos desenvolverem, ao longo da história, um gênero de vida.

O entendimento das regiões seria fundamental para a compreensão de cada gênero de vida, pois o meio ofereceria os obstáculos e as possibilidades para o homem exercer sua

atividade, criar técnicas ou extrair produtos, daí a expressão “possibilismo”, difundida por Lucien Febvre. (FABRÍCIO; VITTE, 2011, p.12).

Portanto, segundo Nelson Werneck Sodré,

O campeador tem hábitos firmes e padrão de vida pobre. Suas esperanças fundam-se em pouco. Um cavalo, uma arma, uma cobertura, eis o que ele mais necessita. Andando sempre, de oeste para leste, de sul para norte, conduzindo os rebanhos, não tem pouso certo nem morada definitiva. Dorme no campo ou nos galpões abertos que, de longe em longe, encontra. O poncho é resguardo contra o tempo, coberto para a noite, leito morno onde esquece as canseiras da soalheira tremenda dos caminhos do pantanal ou a tristeza da monotonia dos chapadões que não têm fim.

O campeador não se fixa. É um sôfrego de movimento e de mudanças. Vive na fascinação dos horizontes. Não pode parar. Nada o detém. Adormecido, na sua precária melhoria, pela impossibilidade mesma em elevá-la, pela remuneração em espécie, no regime na partilha, vendendo aqui e comprando acolá, tendo necessidade de muito pouco para manter-se, não se radica e nada deixa de si. (SODRÉ, 1941, p.16).

O autor, diversas vezes e de diferentes formas, critica o campeador e toda a composição populacional do Oeste: “eles não deixam nada de si, não deixam marcas, justamente pelo nomadismo característico do seu modo de vida”. Sodré, utilizando-se como base teórica as concepções lablachianas e, conseqüentemente seus conceitos, redige um discurso que coloca essa população de hábitos inferiores (nômades), com um grau de civilização primitivo (presentes nas etapas iniciais de reprodução da vida) e, valoriza a vida sedentária como a organização social, ou como aquela que apresenta um grau de civilização presentes nas etapas mais evoluídas do processo histórico, ou seja, como a forma de vida que se sustenta e deixa suas marcas.

Santos (2008), citando um artigo de Vidal de La Blache (1899) retira a seguinte citação: “Um povo, por mais primitivo que seja e, digamos mesmo, por mais primitivo que seja, deixa sua marca sobre os objetos que fabrica, cuja substância e modelos são tomados à natureza. Esses objetos são algo do próprio povo”. (LA BLACHE, 1899, p.106, *apud* SANTOS, 2008, p.55). Podemos dizer que Sodré faz uma crítica às características da população do Oeste, que mesmo sendo primitivas nem marcas de sua existência conseguem deixar, contrariando a perspectiva teórica proposta por La Blache.

O regime pastoril, no baixo padrão de vida do seu elemento humano, não chegou a criar sinais visíveis de estabilidade social. A casa, em que se reflete sempre a tendência dos processos de produção e as características de um agrupamento, lastreadas no tempo e no espaço, não tomou linhas precisas. Os engenhos de açúcar, no nordeste, afetaram-na, através dos séculos, de uma fisionomia própria. O regime pastoril nunca deu linhas precisas aos solares, nem mesmo à casa dos servos.

A alimentação, tão fricante, no ciclo do açúcar, com os seus doces, os artifícios das negras escravas, foi nele uniforme, monótona, paupérrima.

O próprio vestuário, em que se reflete, de um modo tão sensível, o processo de trabalho, permaneceu preso a um primitivismo desolador. Fora as roupas de couro com que, no sul como no centro, no norte como no oeste, usualmente o campeador exerce o seu trabalho bruto, nenhum outro sinal deixou o regime pastoril no modo de trajar daqueles que viveram e vivem na sua dependência. (SODRÉ, 1941, p.41).

A região, diante das concepções da Geografia Regional francesa, deve se ater à compreensão de cada gênero de vida; deveria entender o homem como aquele inserido numa complexa rede de relações, “sendo ora passivo, ora ativo, pois quando se depara com as possibilidades do meio, tem inteligência para aumentar os recursos e utilizá-los de forma satisfatória”. (FABRÍCIO; VITTE, 2011).

Nos estudos baseados na Geografia Regional francesa, o particular seria sempre evidenciado. Este particular seria uma porção do território, a região, que seria descrita minuciosamente através das monografias, partindo da observação e descrição de uma região “que se manifestava evidente na paisagem”, diante da integração e/ou interação entre seus aspectos naturais e históricos.

De acordo com Moraes (2005), Vidal diz que a partir do momento que um gênero de vida está estabelecido, o mesmo procura os modos de reprodução da vida mais simples possível, ou seja, sempre estará se reproduzindo da mesma forma a fim de manutenção do equilíbrio.

A caça e os rebanhos seriam os fornecedores da base alimentar única e generalizada. Padrão pobre de existência alimentar. Paupérrimo, mais adiante, no tempo, quando o gado tivesse alta de preço, pela criação do grande mercado consumidor em São Paulo. Aí, as populações pobres ficariam, muita vez, restritas ao consumo de raízes. E o mate, alimento e bebida logo generalizada, com efeitos salutareos.

A casa não podia mesmo surgir com os sinais que foram nítidos no regime agrícola. Tudo era provisório, no pastoreio. E a morada, vinculando homens ao local, constituía mais um entrave que outra cousa. Não a faziam confortável, por isso mesmo.

Tais características permaneceram imutáveis. Nenhum regime como o pastoril, aliás, teve essa constância de motivos fundamentais. Nenhum se apegou tanto aos seus traços primários. E os manteve, através dos tempos, com a tenacidade, a refratariedade às transformações que o pastoreio realizou, na sua imutabilidade, na sua ordem estática.

Casa, alimentação, vestuário, - sinais exteriores dos regimes de existência, não podiam deixar de estar em estreita ligação, em dependência formal, com o modo de viver, com a forma de produção, com o ambiente, em que os grupamentos ligados à expansão pastoril se desenvolviam e se ampliavam. A razão principal era a pobreza, um pauperismo absoluto, quase primário, quase primitivo. E o divórcio da terra, a separação fundamental, a desestima pelo solo, o desapego, o nomadismo, a ânsia de movimento. Só os sedentários deixam sinais visíveis, permanentes, em que perpetua transformação, funcionando com a elaboração da cultura de que dependem, refletindo o seu desenvolvimento, os seus movimentos, as suas flutuações, as suas tendências, as suas crises. (SODRÉ, 1941, p.91-2).

Existem alguns fatores⁴ que poderiam afetar ou provocar uma mudança no gênero de vida. São estes fatores que vão proporcionar um processo de evolução, ou um processo de maior civilização de um ou mais gêneros de vida. “À Geografia caberia estudar os gêneros de vida, os motivos de sua manutenção ou transformação e sua difusão dos domínios de civilização”. (MORAES, A.C.R, 2005,

⁴ Relaciona em primeiro lugar a possibilidade de exaurimento dos recursos existentes; isto impulsionaria aquela sociedade a migrar, ou a buscar um aprimoramento tecnológico, quando a possibilidade de migração estivesse restrita por barreiras naturais. (...). Outro fator de mudança dos gêneros de vida seria o crescimento populacional; este poderia impulsionar a sociedade à busca de novas técnicas, ou levá-la a dividir a comunidade existente e a criar um novo núcleo, gerando assim um processo de colonização. Finalmente, o contato com outros gêneros de vida foi destacado por Vidal como um fator de mudança. Para ele, na verdade, este seria o elemento fundamental do progresso humano. Em sua visão, os contatos gerariam arranjos mais ricos, pela incorporação de novos hábitos e novas técnicas. Os pontos de convergência (as cidades, por exemplo) das comunidades seriam verdadeiras “oficinas de civilização”. (MORAES, A.C.R, 2005, p.82).

p.82). Isto se refletiria sobre o espaço diante das obras criadas pelas sociedades na relação com os diferentes meios naturais.

Sodré trata os fatores que possibilitaram a transformação da região oposta ao litoral relacionando as características primitivas da população do Oeste com o desenvolvimento obtido pelos homens do planalto de Piratininga – “os sedentários” –, que efetivaram a grande conquista do Oeste para o Brasil. O desenvolvimento, ou o pensamento mais evoluído – o da Estrutura brasileira (o litoral) – poderia possibilitar o desenvolvimento e a mudança substancial do interior brasileiro segundo o autor.

A mudança não ocorreria somente em relação aos modos de vida dos respectivos gêneros de vida. Este processo acarretaria o desenvolvimento social, como também desenvolveria a própria materialidade *visivelmente pobre*. Segundo Sodré, um processo que possibilitasse a ligação entre a *estrutura brasileira* – o litoral desenvolvido – e o Oeste, este grande interior brasileiro, fortaleceria a unidade do território e a sua integração. Este processo seria possível diante de uma busca de novas técnicas. Sodré constrói esse discurso, propondo a saída deste estado de pobreza, de pensamento e tradição primitivos da população do Oeste através da imposição de hábitos sedentários.

Neste sentido, o autor dispõe de uma concepção de mundo autoritária⁵, conservadora e historicista⁶ naquele período. Michael Löwy (1987) diz que o historicismo não é linear, “constituindo em sua fase inicial numa matriz conservadora, seguindo de uma ruptura à esquerda com o relativismo, e constitui-se na sua última fase em uma matriz mediada pelo marxismo”. (CUNHA, 2002). Segundo Löwy

É importante ver o historicismo, ele mesmo, no seu desenvolvimento histórico. Quando ele aparece, sobretudo na Alemanha, no fim do século XVIII e começo do século XIX, tem um caráter fundamentalmente conservador, ou mesmo, retrógrado, reacionário. Visava legitimar as instituições econômicas, sociais e políticas existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos do processo histórico, como resultado de séculos e séculos de história, resultados de um processo orgânico de desenvolvimento. E toda a tentativa de abolir, de destruir, essas instituições veneráveis, seculares, históricas, seria arbitrária, anti-histórica, artificial que, portanto, só poderia conduzir à catástrofe. É em nome do historicismo, desse historicismo conservador, que se condena as revoluções e, em particular, a Revolução Francesa. Mas também se condena o capitalismo, que aparece como uma erupção de algo novo, que está em oposição a estas veneráveis instituições e, portanto, ao desenvolvimento histórico. (LÖWY, 1996, P.70).

Neste sentido, a corrente e a etapa que interessa para relacionar a primeira fase do pensamento de Nelson Werneck Sodré é o historicismo relativista. O historicismo relativista é uma

⁵ Esta concepção de mundo autoritária, percebida no seu 2º livro – *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril* – não perpassou as suas obras a partir do final dos anos de 1940 e início de 1950, quando, em contato com a teoria marxista e a influência desta no seu pensamento, adotou uma visão para o Brasil baseada no nacionalismo e na democracia.

⁶ Para nos ajudar a discutir esta afirmação utilizaremos do texto de Paulo Ribeiro da Cunha: *Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*.

tendência do início do século XX no Brasil e que teve uma influência direta com a trajetória política de Sodré. Segundo Cunha:

No seu caso, entendemos que o eixo norteador materialista presente na fase inicial de sua trajetória como historiador possibilitou os suportes teóricos embrionários, mas, igualmente consistentes à sua posterior transição ao marxismo, e claro, a segunda etapa de sua trajetória como historiador possibilitou os suportes teóricos embrionários, mas, igualmente consistentes à sua posterior transição ao marxismo e, claro, a segunda etapa de sua trajetória vocacional como intelectual, quando entendemos ocorre sua transmutação ao Historicismo Marxista. Nesse sentido, é possível compreendermos através desse instrumental teórico disponibilizado por Löwy sua fase marxista subsequente, bem como perceber como se estabelece a evolução histórica de Sodré como um intelectual pequeno-burguês ao marxismo (...). (CUNHA, 2002, p.16).

O historicismo aparece, neste sentido, como o eixo teórico que direciona a possibilidade real de transição entre o positivismo e o marxismo, tendo em vista, a condição de intelectual historiador historicista como Sodré se apresentou desde o início de sua produção intelectual. “Ou seja, ainda que essa matriz [a historicista] receba influência de ambas as correntes, desenvolvem expressões autônomas ou articuladas a ambas as concepções”.

Nesse caso, falar em uma transição real do historicismo ao historicismo marxista na Europa é também reconhecer que, apesar da sinceridade e do esforço pioneiro, e da inegável potência crítica do historicismo, essa corrente fracassa, em última instância, pela impossibilidade de oferecer uma resposta coerente aos problemas que suscita. Não seria diferente no Brasil ou em relação a Nelson Werneck Sodré e sua obra. Por hipótese, como um autor permeado pelo relativismo, veremos que este aspecto seria uma determinação e até uma resposta aos impasses teóricos na fase inicial de seu pensamento como tenente antes de ele evoluir para uma etapa em que o historicismo seria mediado pelo marxismo. (CUNHA, 2002, p.17).

A preocupação com a política é tema que perpassa toda a obra de Nelson Werneck Sodré. De acordo com Cunha (2002), esta preocupação não é algo que se encontra de forma linear na obra, podendo ser sinalizada em duas fases⁷. Vamos nos ater aqui à primeira fase, na qual encontra a obra analisada. Na primeira fase⁸, podendo ser datada de 1930-1944⁹, nosso autor apresentou “tímidas posturas políticas”, “ainda que a crítica literária venha travestida de crítica social nos muitos artigos de um período característico de um contexto capitalista em transição”. (CUNHA, 2002, p.18).

⁷ “Naquela que destacamos como segunda fase, e que pode ter seu início assinalado em 1944, Sodré amadurece como autor e assume uma postura (auto)crítica com relação aos intelectuais e às tarefas que os aguardam. Tarefas que, sem dúvida, também lhe estão destinadas. Esse momento constitui quase que o início de uma militância como escritor, e mesmo de um posicionamento político mais contundente à esquerda, na medida em que o autor critica ferozmente a postura dos intelectuais nas muitas transformações que já se adivinhavam e nos desafios propostos, chegando-se a referir-se como um dos grupos sociais mais propensos aos desajustamentos, em face da sua capacidade de imaginação e à consequente possibilidade de evasão da realidade. A rigor, já se trata de um Sodré marxista e membro do PCB”. (CUNHA, 2002, p.18-9).

⁸ “Consideramos que essa é uma fase que tem característica política marcante, ainda que negada a posteriori pelo próprio autor”. (CUNHA, 2002, p.18).

⁹ Vimos mais acima no texto que os conflitos de pensamento entre Nelson Werneck Sodré e Oliveira Vianna também datam de 1944, momento que aquele autor começa a modificar seu pensamento político.

Nelson Werneck Sodré, coerente com os propósitos teóricos elaborados na sua primeira fase, utilizou autores de concepções autoritárias – via historicismo –, como Oliveira Vianna, que influenciou decisivamente o pensamento de Sodré naquele momento, sobretudo, quando compõe uma análise do Oeste brasileiro, veiculando nesta sua produção o discurso encaminhado pela elite no período.

De acordo com Anselmo (1995), o autoritarismo, era a única forma concebível para Oliveira Vianna, de resolver os nossos conflitos internos (problemas raciais e mesológicos) e também o “único meio para “impor” o nacionalismo, ou seja, o sentimento de grupo nacional”, encaminhando o Brasil para a modernidade dentro da ordem capitalista seguindo os princípios de “civilização”. (ANSELMO, 1995, p.53).

A defesa incontinente do Brasil, apesar de suas características étnicas “desfavoráveis”, enquanto um país, ou uma “Nação” a altura das grande[sic] potências mundiais, passa ser tema fundamental a vários autores (não somente conservadores), principalmente, com a deflagração da Primeira Guerra Mundial. O nacionalismo daí surgido, tem como necessidade colocar os interesses das elites como interesses de toda a população e, o que se pode concluir é que, posturas que preguem a harmonia são cada vez mais bem vindas.

As elites, que a partir da década de 1930, não são somente agrárias ou oligárquicas, mas também urbanas, mesclando-se facilmente em seus interesses, foram as maiores beneficiadas com visões de mundo como as de Oliveira Vianna. E souberam, sem dúvida, ser lhe muito gratas, mantendo muitos aspectos de sua ideologia bastante nítidos a ponto de serem tranquilamente, detectáveis ainda hoje. (ANSELMO, 1995, p.54).

A proposta de Nelson Werneck, publicada em 1941, com características nacionalistas explícitas é um destes casos que respaldou o discurso veiculado pela composição do Estado brasileiro. A nacionalidade brasileira, segundo Moraes (1988) foi forjada sobre a noção de território, área, e não sobre a constituição da população ou mesmo de sua unidade cultural.

A visão de mundo de nosso autor corrobora com esta ideia, entendendo o Brasil, como um país que apresenta uma desigualdade regional profunda, sendo duas as principais regiões do país que possibilitariam a integração: o litoral, onde o processo civilizatório era mais elevado e onde se encontravam as forças necessárias para o desenvolvimento do país; e o interior (Oeste), terras que necessitavam da ligação direta com o *corpo da nacionalidade*.

Se o baixo padrão de existência dessas populações que permanecem gravitando em torno da cultura pastoril, embora preso a condições de difícil transformação, desde que, para isso, exigirão reformas fundamentais, que hão de afetar a fundo o vínculo entre o homem e o solo, - poderá ser melhorado, consideravelmente, por uma permanente e contínua obra civilizadora, apoiada, necessária e imprescindivelmente, numa larga intervenção junto ao processo econômico, - se o primarismo de existência, com todos os desequilíbrios consequentes, a fuga à autoridade, a ânsia indômita, a inercia pronunciada em refugar a ação poderosa e acauteladora da administração pública, destruindo predomínios dissociadores, - poderá ser afetado de melhorias ponderáveis, capazes de alterar toda a fisionomia social do Oeste, - o deserto permanecerá, apesar de todo o esforço humano, apesar de todas as tentativas coletivas, como a permanente força negativa, dispersiva, dissociadora, influiendo sobre todas as outras faces do problema, aquelas que parecem viáveis ante o esforço do centro, da autoridade, do país. As distancias, essas infinitas distancias, vazias, tristes, apagadas, permanecerão a incógnita poderosa e eterna. Sobre elas, por mais que se estendam os fios telégrafos, que a audácia e o espírito empreendedor

de Rondon lançaram, por mais que se abram estradas, naturalmente pouco compensadoras e caríssimas, por mais que se cruzem nos céus, máquinas modernas, com o formidável poder de encurtá-las e de dominá-las, - nada se conseguirá de definitivo sem a intervenção do fator tempo, sem o amparo do crescimento demográfico do país, canalizado, em grande parte, para as suas terras, para cobri-las, já não na dispersão pastoril, mas na densidade de que o regime agrícola é capaz, com o acúmulo de riqueza, a atração fácil a novos elementos, a capacidade de se por em ligação, em contacto com as outras partes do Brasil e da América, transformando-se em celeiro de algumas delas.

Se o problema fundamental da unidade brasileira está estreitamente vinculado ao crescimento e à criação de mercados internos, cada vez mais exigentes, mais densos e mais laboriosos, - as terras do Oeste, articuladas no sistema que deverá aproximar as frações dispersivas do Brasil, terão um papel de primeira ordem, ampliado naturalmente o cordão simples, tênue e estreito constituído pela estrada de ferro que já as liga aos mercados paulistas, prendendo-as ao corpo da nacionalidade, do qual estavam, não faz muitas décadas, visceralmente divorciadas. (SODRÉ, 1941, p.126-7).

Neste sentido, percebe-se diante da visão de mundo do autor que, apesar da existência de uma forte diferenciação regional o projeto territorial brasileiro deveria se reforçar sobre tal distinção, ou seja, a unidade deveria ser alcançada pela superação das desigualdades entre o litoral (*corpo da nacionalidade*) e o *desertão*. Diferentemente de Oliveira Vianna, Nelson Werneck Sodré trabalha diretamente com o “grupo sertanejo (considerando a população litorânea à parte)”, mas, é visto pelos dois intelectuais como um grupo e/ou uma área problemática.

Em termos de método, pode-se dizer que há uma influência forte das ideias evolucionistas subjacentes ao pensamento do autor. Já ao que diz respeito às propostas de Vidal de La Blache e as formulações de Ratzel como influências diretas ao pensamento do autor, as ponderações são mais complexas.

Para finalizar a discussão levantada em torno da influência da Geografia Regional Francesa no livro Oeste, iremos trazer aqui a estrutura proposta por La Blache no que diz respeito à ideia de região – o modelo de exposição (a monografia regional) – que viria a ser majoritária e mais usual de análise do pensamento geográfico – que foi utilizada por Nelson Werneck Sodré na composição do Oeste – ajudando-o a fortalecer ideias presentes no cenário nacional nas décadas de 1930 e 1940, que não eram mais do que projeções para o território brasileiro.

A estrutura dos estudos baseados na Geografia Regional francesa, as monografias regionais, propunham os seguintes itens:

introdução, localizando a área estudada, com projeções cartográficas nacional e continental e um enquadramento zonal e pelas coordenadas; 1º capítulo: “as bases físicas” ou o “quadro físico”, enumerando as características de cada um dos elementos naturais presentes (relevo, clima, vegetação etc); 2º capítulo: o “povoamento” ou as “fase de ocupação”, discutindo a formação histórica (primeiras explorações, atrativos econômicos no passado, fundação das cidades, etc); 3º capítulo: a estrutura agrária” ou o “quadro agrário”, descrevendo a população rural, a estrutura fundiária, o tipo de produção, as relações de trabalho, a tecnologia empregada no cultivo e na criação, etc; 4º capítulo: a “estrutura urbana” ou o “quadro urbano”, analisando a rede de cidades, a população urbana, os equipamentos e as funções urbanas, a hierarquia das cidades daquela região, etc; 5º capítulo: a “estrutura industrial” (quando esta existisse na região analisada), estudando o pessoal ocupado, a

tecnologia empregada, a destinação da produção, a origem das matérias primas empregadas, o número e tamanho dos estabelecimentos, etc. E finalmente a conclusão, em geral constituída por um conjunto de cartas, cada uma referente a um capítulo, as quais sobrepostas dariam relações entre os elementos da vida regional. (MORAES, 2005, p.88).

Todas as características expostas acima são tratadas no *Oeste*, com exceção da “estrutura industrial” e das cartas como um resultado conclusivo da monografia regional. Durante todo o livro, Sodré expõe mapas que dizem respeito a vários assuntos, sendo eles: um mapa da região que corresponde atualmente ao estado de Mato Grosso, demonstrando a zona ervateira; um mapa denominado de *Oeste*, no qual demonstra a expansão bandeirante e pastoril; uma mapa que demonstra um *esboço da geografia matogrossense* e a representação das serras e os limites das bacias hidrográficas; um mapa que representa a América do Sul no qual Sodré demonstra a *infiltração das levas humanas no Oeste*; um mapa de *projeção ferroviária do Brasil* demonstrando a *posição da região do sul de Mato Grosso entre os traçados em construção e em estudos para a articulação Brasil-Paraguai e Brasil Bolívia*; um mapa do município de Cuiabá demonstrando a *excentricidade da sede municipal em relação à área do município, com 215.500 Km²*; outro mapa da América do Sul demonstrando a *zona de infiltração boliviana e a zona de predomínio de elemento paraguaio*. Todos estes mapas trazem as formas de ocupação do território do Oeste e, a proposta veiculada pelo discurso de Sodré sobre a necessidade da integração regional (nacional) e a integração internacional dentro da América do Sul.

As *considerações finais* características de uma monografia regional não ficam enquadradas totalmente dentro da proposta da Geografia Regional francesa. Contudo, analisando-as, percebe-se no conjunto uma relação entre os elementos da vida regional. O que se chama de vida regional é a dinâmica da região em estudo, os processos de ocupação, exploração e usos da mesma. Ou seja, os mapas apresentados pelo autor contemplam a mais este enquadramento, pois, além disso, propõe e expõe o processo de integração regional, nacional e internacional entre os países da América do Sul.

No que se refere aos demais capítulos do livro e à estrutura proposta pela Geografia Regional (monografia regional), Sodré acompanha, todos os “critérios” estruturais e temáticos “exigidos” nesse tipo de produção geográfica. O autor não trabalha categoricamente e nem linearmente as estruturas de capítulos proposta por um estudo deste modelo.

Assim, como *bases físicas* ou *quadro físico* Sodré trabalha toda a descrição da paisagem, do relevo, e da *Geografia simples*¹⁰ do Oeste durante todo o livro, mas, concentra-se mais no capítulo *Aspectos Geográficos*.

¹⁰ A *Geografia simples* denominada por Sodré diz respeito a horizontes no Oeste sem obstáculos, sem grandes linhas: “Essa geografia simples, de grandes linhas, sem obstáculos sensíveis, marcada por uma maioria de rios faceis e

Esse movimento de terras fixaria as lindes sulinas da província de Mato Grosso com as terras paraguaias. E continuaria a marcá-la, a partir de Ipejrun para o norte, no segundo lance, até a localidade de Ponta Porã, fixando uma linha nítida, tanto mais que funciona como divisor de águas, deixando a leste as dos afluentes do Paraná e a oeste as dos afluentes do Paraguai. Alongamento natural de alturas que se distinguiria por uma característica de ordem excepcional – a proximidade das nascentes distribuídas, colocando-se bem juntas as dos contribuintes do Iguatemi das dos contribuintes do Igureí, no lance leste-oeste, e as dos formadores do Iguatemi, de um lado, e do Aguarai-guassú, de outro, no lance sul-norte da serra, bem como as dos formadores do Amambaí e a dos formadores do Ipané, as dos contribuintes deste e do Aquidabã, na vertente paraguaia, e as dos formadores do Dourados, na vertente brasileira. (SODRÉ, 1941, p.135-6).

Em relação à descrição da paisagem e da geologia do Oeste, o autor descreve:

Os lances orográficos permanecem no sentido do norte, recebendo denominações variadas, conforme o local que atravessam, marcando em Limeirao ponto de maior altura, cortando a região de Nioaque, rumando para a via férrea, após a qual seguem no sentido de nordeste, para entroncar com os contrafortes do planalto central, na serra dos Baús. Do flanco direito desse longo movimento orográfico, partem espigões e esporões que marcam a caixa dos rios da bacia do Paraná, caindo as terras em declive lento e suave, estendendo-se em chapadões extensos, para o vale do Paraná, - regiões de pastagens ricas, de altiplanos, pobre de vegetação, campinas nuas, só quebradas, ao sul do sistema Dourados-Ivinheima pelos ervaais nativos. Nessas paragens, quando se apresenta um bosque, um sinal de vegetação maior, a quebrar a uniformidade monótona do chapadão, é sinal certo de água, são nascentes, são barrancas de rios. Movimentação pobre do terreno, não se assinala por ondulações pronunciadas. Raro surgir um monte. Tudo arredondado por um trabalho já prolongado das águas, polido, sem cortes, sem arestas. (SODRÉ, 1941, p.137-8).

Em relação ao *povoamento* ou as *fases de povoamento*, característica importante e central no desenvolvimento de todo o livro, Sodré trabalha em vários capítulos as formas que se deram a ocupação “rarefeita do Oeste” – visto pelo autor como um dos problemas da região, a falta de *elementos humanos na sua composição* – e também toda a movimentação – migração – em terras do Oeste, passando pelo ciclo das bandeiras, ciclo das monções até chegar ao ciclo pastoril. Foram estes que efetivaram ou mesmo fizeram avançar a grande conquista do Oeste: a sua ocupação.

Para o autor compor o quadro de ocupação das terras do Oeste demonstrou a formação histórica dessa região, as formas de exploração e os atrativos econômicos da região Oeste. A partir disso discutiu no capítulo *Regime Municipal* a fundação das cidades nessa região através do papel das províncias e o papel das câmaras municipais na formação do Oeste.

O Oeste, na sua organização municipal, na fase em que os seus municípios vão tomando formas, vão precisando os seus limites territoriais, vão marcando as suas sedes, vão sendo criados, encontra a longa e trágica luta, a rivalidade terrível, já em sua última fase. As câmaras municipais não eram senão arremedos do que haviam sido. Estavam reduzidas as escravizações, acorrentadas ao provincialismo, presas ao carro onde deviam gravitar sempre. (SODRÉ, 1941, p.164).

convidativos, por grandes extensões permeáveis, devia assinalar as vias naturais de penetração humana”. (SODRÉ, N.W, 1941, p.144).

A *estrutura agrária* ou o *quadro agrário* estabelecido por Sodré no Oeste está intimamente ligado ao item acima. O autor trabalha uma imagem de espaço agrário da região Oeste sobre o enfoque das características populacionais da região, sobretudo, ao que se estabelece como característica do campeador – figura marcante na composição populacional do Oeste.

Neste sentido, visto que nosso autor apresenta uma visão negativa da população e de seus *modus vivendi*, não será diferente quando compõe uma visão do espaço agrário: se configura tão atrasado quanto sua população. Apresenta características primitivas, sem desenvolvimento, sem ligação com os espaços desenvolvidos do país. Somente a via férrea poderia transformar esta realidade. A grande propriedade é que seria a causadora da pobreza inestimável do Oeste. Somente a pequena propriedade teria a capacidade de trazer o desenvolvimento econômico, social e político.

Jogando numa imensidade territorial que constitui o próprio embasamento de todas as suas características, o Oeste apresentaria o curioso antagonismo entre uma extensa superfície de aplicação às influências externas, só canalizadas, entretanto, pelas vias obrigatórias de infiltração e de acesso, e uma superfície social de aplicação exígua, afirmada na peculiaridade social de aplicação exígua, afirmada na peculiaridade primária de grupos humanos rarefeitos. A superfície material, física, apresentando-se extensa, era prejudicada pela deficiência de vias de infiltração. A superfície social, caracterizada pelos grupos densos de população, pelas organizações urbanas, pela ligação do homem ao solo, pelo trabalho sedentário, não favorecia as influências externas, que não encontravam zonas de aplicação, propícias a um longo trabalho, fundo e contínuo capaz de operar transformações sensíveis. A própria estrutura do regime pastoril devia agravar tais disparidades. Pronunciadamente infenso à dinâmica social, esses regimes, afetaria formas extensas e contínuas, imutáveis. Resistiria a todas as influências.

Organizada em grande propriedade, a terra contribuiria, fortemente, para a permanência de tais sinais. O isolamento era agravado pelas distâncias entre os poucos e raros agrupamentos urbanos, em conflito com o campo, com as pastagens. As próprias propriedades ilimitadas, infinitas, indelimitadas conduziam ao isolamento. Não havia quase contacto interno, que contribuísse à solidariedade que gera interesses comuns e influências reflexas. (SODRÉ, 1941, p.117-8).

A *estrutura urbana* ou o *quadro urbano* é analisado por Sodré relacionando os aspectos de formação de núcleos urbanos no desenvolvimento histórico de ocupação da região Oeste. No capítulo *Regime Municipal*, o autor detalha este processo. Inicia tecendo uma crítica em relação à manutenção da tradição provincial, no período da independência, que direciona a organização urbana e o regime municipal.

A tradição provincial, o colonialismo lusitano somaria a divisão em estados, estado do Brasil, estado do Maranhão, província disso, província daquilo, dualidade de governadores, embora o primado da necessidade acabasse por impor a organização de uma forma unitária predominante, a do governo geral único, na Baía ou no Rio, logo minado, entretanto, em suas prerrogativas, no alcance de sua ação, pela lei resguardadora do prestígio ultramarino que obrigava a recurso para Lisboa e assumia a reserva, para a metrópole, da solução de todos os problemas que pudessem afetar a marcha política da colônia.

O grande erro fundamental do momento da independência foi, pois, não ter destruído, desde logo, o sistema armado e em função que trazia uma marca profundamente adversa ao sentido brasileiro de nossa orientação. Destruir, inicialmente, a organização política deficiente e contraditória não seria, naquele momento, somente um golpe de sabedoria e precisa vigência política deficiente e contraditória não seria, naquele momento, somente um golpe de

sabia e precisa vidência política como medida acauteladora do nosso desdobramento, ameaçado, em todos os instantes, em todas as crises, pelos surtos do provincialismo, que não representava, e não representou quase nunca, o vínculo entre o homem e a terra, a força da comunidade, o sentido dos agrupamentos humanos que viviam dentro dos seus parques, tênues e convencionais limites territoriais. (SODRÉ, 1941, p.160).

Para complementar a discussão sobre o regime municipal, Sodré faz a defesa da fragmentação dos territórios dos municípios fortalecendo o discurso da fragmentação das grandes propriedades, sendo as pequenas propriedades, o símbolo e o modelo de desenvolvimento. Isso demarca uma posição deste intelectual que difere em grande parte dos ideais institucionais aos quais representava, os intelectuais militares. A ideia de civilização e modernização como projetos de Estado brasileiro era (e ainda é) altamente autoritário e conservador no que se refere às questões territoriais. A manutenção de grandes propriedades de terras era vista pelas classes dominantes dos países europeus como um símbolo de atraso, o que mesmo assim não atrapalhou de forma alguma a manutenção do projeto de Brasil elaborado pelas classes dominantes locais.

Sodré discute ainda a distribuição municipal no Brasil colocando o Oeste em situação de inferioridade. O autor afirmou isso baseado na comparação da divisão quantitativa de municípios presentes no Mato Grosso e no Amazonas em relação ao desenvolvimento paulista propiciado por uma maior quantidade de municípios, ou seja, com menores áreas cada um.

A distribuição municipal, no Brasil, coloca o Oeste em situação de inferioridade absoluta. Sendo dos maiores estados em território, Mato Grosso apresenta-se com vinte e seis municípios. O Amazonas se divide em vinte e oito. A densidade demográfica e a distribuição da riqueza determinaram tais disparidades. O desenvolvimento paulista se afirma em duzentos e cinquenta e três municípios dos quais cento e dois têm um só distrito judiciário, repartindo-se os demais por vários distritos judiciais, enquanto todos permanecem com um só distrito administrativo, função de sua escassez de área que permite a centralização. (SODRÉ, 1941, p.168-9).

Ainda na defesa da pequena propriedade Sodré coloca que:

Todas as dificuldades se colocam no caminho da evolução natural da grande para a pequena propriedade. Esta não pode ser pastoril, desde que representem coisas virtualmente antagônicas, cultura pastoril, desde que representem coisas virtualmente antagônicas, cultura pastoril e pequena propriedade. Tem de assentar-se, pois, na lavoura, no cultivo da terra. Necessita, pois, da divisão da propriedade, da sua fragmentação, da sua disponibilidade.

No Oeste, entretanto, por mais que isso pareça estranho e curioso, não há terras em disponibilidade. E não há por três motivos capitais:

- as terras que se prestam à pastagem são grandes propriedades quase inalienáveis;
- as terras que o Estado possui ou possuiu estão arrendadas a organizações estrangeiras, no regime da concessão ou da venda mesmo, constituídas, portanto, em novas grandes propriedades;
- as terras restantes ou são inundáveis ou não têm água. (SODRÉ, 1941, p.173-4).

O autor conclui que se a situação da organização municipal do Oeste continuar baseada na grande propriedade, cercada pela pobreza e pelo nomadismo, com fraco índice demográfico e as

dificuldades físicas de toda a ordem, “coloca-se como puro e simples mito, sem nenhuma função social nos grupamentos humanos em que se planta, como cousa estranha e estéril, destinada a se estiolar e perder, na estática da impotência”. (SODRÉ, N.W, 1941). O autor finaliza propondo as duas possibilidades de transformação das terras do Oeste. São elas que possibilitariam o desenvolvimento e a *mudança radial de processo econômico*.

A marcha da agricultura, com o advento da pequena propriedade, será o avanço civilizador e nacionalizador que atenuará e há de concluir por acarretar o desaparecimento das forças contrárias que jogam no cenário do Oeste. Representará a emancipação humana das massas entregues ao abandono e ao extermínio. A mudança radical de processo econômico, com os reflexos na alteração do ritmo social, dará novas linhas a um desenvolvimento que se fez até aqui, descontínuo e disperso. Corrigidas, pela marcha evolutiva da produção, as anomalias que se traduzem na instabilidade e na pobreza, o Oeste assumirá condições bem diversas e poderá estruturar uma fase nova no seu desenvolvimento, - fase de riqueza e de libertação. (SODRE, 1941, p.202).

Neste sentido, percebe-se o enquadramento da obra como uma monografia regional baseada no modelo proposto pelos geógrafos franceses. Publicada em 1941, Oeste faz parte de uma fase característica do pensamento do autor, aquela que o marxismo não estava presente. Tendo em vista que a transição de seu pensamento se deu pelo intermédio da utilização do historicismo como método de análise, nos seus primeiros estudos percebe-se claramente que o *Oeste* não é a pura descrição daquela região encontrada nas monografias regionais. No livro aqui analisado aparecem posicionamentos políticos que dizem respeito ao território brasileiro; pensamentos estes, casados com as ideologias presente nas elites brasileiras e no próprio Estado brasileiro, tentando dar um direcionamento para o imenso território – a proposição de um projeto para o território.

Pierre Monbeig foi um dos grandes elogiadores deste trabalho de Sodré, sendo Monbeig um dos representantes da Geografia francesa institucionalizada no Brasil. Para que possamos fundamentar ainda mais nossa argumentação é necessária uma explanação mínima sobre a influência de Monbeig na Geografia brasileira nos moldes franceses relacionando com o trabalho de Sodré aqui analisado.

Nosso autor, em diferentes momentos do livro traz a discussão da importância do transporte ferroviário como meio de ligação entre o interior, o nosso grande oeste, e o litoral, fonte de toda a produção e distribuição das riquezas do e para o território. Heliana Angotti Salgueiro (2006) – *Pierre Monbeig e a Geografia Humana brasileira: a dinâmica da transformação* – traz uma contribuição da representatividade da obra de Monbeig elencando diferentes aspectos. Um destes aspectos levantados foi a importância do transporte ferroviário para o desenvolvimento do país, baseado no discurso da mobilidade e comunicação. Num estudo monográfico realizado por Monbeig em 1946 – *Estudo monográfico de uma estrada de ferro* – publicado no *Boletim Geográfico*, ele diz que o “avanço das

linhas de estrada de ferro em direção às zonas novas contribuiu, ao mesmo tempo, para acelerar o envelhecimento das regiões a que elas outrora deram vida”. Assim, segundo Salgueiro (2006):

Para entender a fundação e a evolução das cidades das franjas pioneiras deve-se ter em mente, sobretudo, que as redes de transporte funcionaram como meios de organização do território: os traçados dos lotes e as fundações urbanas dependiam das linhas da estrada de ferro. Cidades e circulação se associavam nas terras de São Paulo, distribuindo-se em função do relevo, como bem observou Monbeig: “O trilho, a estrada, as aglomerações urbanas se alongam em fila sobre os *plateaux*, seguindo a linha de partilha das águas, os espigões, como as vias romanas da Gália”. (SALGUEIRO, 2006, p.98).

Monbeig, tal como Sodré não trabalhou a monografia regional francesa nos seus moldes mais clássicos advindos da França, tentando um processo de adaptação à própria realidade brasileira. O *Oeste*, mesmo não se enquadrando perfeitamente na estruturação de capítulos de uma monografia regional francesa, absorve todos os aspectos que dizem respeito às temáticas trabalhadas num estudo dessa categoria.

Isso aconteceu também com Monbeig na sua tese sobre as frentes pioneiras paulistas, explicando ele mesmo que as intenções do trabalho iam além da monografia regional; era um trabalho de uma sociedade em movimento¹¹. Monbeig foi também o precursor da monografia urbana no Brasil, estudo este baseado inteiramente nos moldes da monografia regional francesa. A monografia urbana consistia num estudo que tinha os moldes da monografia regional francesa, porém a região era a própria cidade.

Neste sentido, o “quadro pintado” por Sodré no *Oeste* encantou Monbeig por sua proposta de trabalhar com a região Oeste e também pela sua forma teórica de abordagem. Foram quatro anos após a publicação do *Oeste* e também do *Formação da sociedade brasileira* que Nelson Werneck Sodré recebe um convite de Monbeig a colaborar para a Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Considerações Finais

Nelson Werneck Sodré foi um dos grandes intelectuais brasileiros do século XX. Junto ao Exército foi, muitas vezes, colocado em situações de exílio devido às suas posições políticas. Junto à produção de conhecimento científico foi ignorado em grande medida pela Universidade brasileira. Por estas razões, mas, sobretudo, pela eficácia política de sua obra é um dos intelectuais contemporâneos que merece uma avaliação crítica.

A Geografia está, com absoluta certeza, longe de uma aproximação analítica crítica de sua obra, sendo que seus trabalhos e sua importância para o pensamento geográfico no Brasil foi ainda pouco explorado por pesquisas atuais. A obra que aqui analisamos – *Oeste* – apresenta um caráter

¹¹ Ver em: SALGUEIRO, H.A (Org.). Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira: a dinâmica da transformação. Bauru, SP: Edusc, 2006.

eminentemente geográfico e analisamos diante de alguns aspectos contraditórios de sua produção que ainda não possuem respostas concluídas, sobretudo aqueles que dizem respeito ao método e às concepções de mundo do autor.

Neste sentido, percebe-se que no *Oeste*, Nelson Werneck Sodré apresenta uma visão de mundo arraigada com as concepções autoritárias da própria formação social brasileira da época, mesmo se tratando de uma produção do período de transição do seu pensamento: do positivismo para o marxismo. Contudo, mesmo estando no período de transição, ainda fica sem resposta o porquê do distanciamento profundo existente em relação às demais produções do autor.

Assim, fica claro que há uma separação do pensamento geográfico presente, por exemplo, no *Oeste* (1941), do pensamento geográfico presente no *Introdução à Geografia: geografia e ideologia* (1976).

Diante do discurso de Sodré pode-se perceber a preocupação de um intelectual militar nos finais da década de 1930 e início de 1940, com uma visão de mundo casada com o discurso de construção efetiva da nacionalidade brasileira. Quando o autor fala sobre o *sentido nacional*, baseado no discurso de construção de uma malha ferroviária que possibilite a interligação das áreas isoladas do território para manutenção da unidade vê-se, perfeitamente, a preocupação deste intelectual com a construção da nacionalidade via território.

O discurso apresentado por Nelson Werneck Sodré neste trabalho é decisivo no sentido de deslindar questões cruciais para a compreensão de como se deu a formação territorial brasileira. Sua contribuição revela que o progresso material esteve à frente dos impactos sociais e ambientais que os projetos envolvidos no ordenamento proposto poderiam trazer. Em verdade, tanto a natureza como as populações presentes nas áreas destino dos mesmos não foram consideradas senão como recursos de ordem econômica passíveis de serem convertidas aos propósitos das classes detentoras do poder. A geografia descritiva própria dos estudos monográficos franceses contribuiu decisivamente para a compreensão do autor em relação àquela determinada porção do território e suas propostas para a formação territorial brasileira.

Referências

- ANSELMO, R.C.M.S. *Oliveira Vianna e a Unidade – Identidade do Espaço Brasileiro*. 1995. 142 f. Dissertação de Mestrado (Área de concentração em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1995.
- BRAY, S.C. Considerações Sobre o Método de Interpretação Funcionalista na Geografia. *Geografia Teórica*. Rio Claro, vol. 10, nº 20, p.33-43, 1980.
- CUNHA, P.R. *Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: FAPESP, 2002, 334p.

- FABRÍCIO, D.C.B; VITTE, A.C. Paul Vidal de La Blache e a Geografia Francesa: do contexto histórico às monografias urbanas. Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, São Paulo, SP, jan/jun, nº 6, 2011. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistacordis/index_n6.html>. Acesso em: 16 jun. 2017.
- LEITE, D.M. O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LENCIONI, S. *Região e Geografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- LOWÖ, M. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Ed. Busca Vida, 1987.
- LOWÖ, M. *Ideologias e Ciência Social*: Elementos para uma análise marxista. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- MORAES, A.C.R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2005.
- SALGUEIRO, H.A. (Org). *Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira: a dinâmica da transformação*. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 6ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SODRÉ, N.W. *Introdução à Geografia: geografia e ideologia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 1976.
- SODRÉ, N.W. *Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1941.

(Recebido em 27-07-2018; Aceito em: 16-01-2019)